

DESFILE DE COSPLAY CRÍTICO, PROJETO DE CONSCIENTIZAÇÃO SOCIAL – RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE SOCIOLOGIA

Wilson Ribeiro Bittencourt¹
Railana Souza Dos Santos²
Maria Eduarda Miranda Fernandes³
Cristiano Raykil⁴
Sergio Eduardo Martins Pereira⁵

RESUMO

Este trabalho relata a experiência no núcleo PIBID vinculado à Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais (LICHES) da UFSB na prática do Ensino de Sociologia na Educação Básica. Nesse contexto, será relatada a experiência do projeto “Cosplay Crítico: Imaginação Sociológica e Interseccionalidades de Gênero, Raça e Classe Social”, voltado para estudantes dos 2º anos do Ensino Médio: Técnico em Alimentos, Biocombustíveis e Informática. O projeto propõe um percurso formativo de 12 encontros que integra teoria sociológica e prática artística performática, fundamentado em autores clássicos como Marx, Weber e Durkheim, e em teóricas contemporâneas como Crenshaw, Bell Hooks e Djamila Ribeiro. As atividades incluem rodas de conversa, debates sobre documentários, leituras dirigidas, oficinas de roteiro e criação de performances inspiradas em personagens da cultura pop, cujas releituras críticas culminaram em apresentações de “cosplays sociológicos” para a comunidade escolar. A avaliação é contínua, processual e participativa, contemplando provas interpretativas, análise dos roteiros, criatividade e criticidade das performances, além de autoavaliação e avaliação por pares (360º). Ao articular teoria e prática, pretende-se consolidar um espaço pedagógico dialógico e criativo que possibilite aos/as estudantes compreender e questionar as desigualdades estruturais que permeiam o cotidiano, desenvolvendo argumentos fundamentados e sensibilidade para a diversidade.

Palavras-chave: PIBID; IFBA; Ensino de Sociologia; Metodologias ativas; Sociologia Crítica.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB, wrbittencourt205@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia- UFSB, madufernandezlua@gmail.com;

³ Graduado pelo Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias da Universidade Federal do Sul da Bahia- UFSB, railanasouza702@gmail.com;

⁴ Mestre em Saúde Pública pela Fiocruz - RJ, Professor de Sociologia do IFBA Porto Seguro, raykil@ifba.edu.br;

⁵ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Professor da UFSB/Porto Seguro/BA, sergio.eduardo@ufsb.edu.br;



INTRODUÇÃO

O trabalho em questão relata a experiência desenvolvida no IFBA Instituto Federal da Bahia, Campus Porto Seguro, especificamente na Componente Curricular de Sociologia do Ensino Profissional integrado ao Ensino Médio dos Cursos de Alimentos, Biocombustíveis e Informática acompanhados pelo núcleo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais (LICHS) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Contudo, temos observado, com preocupação, a recorrência de casos de racismo recreativo dentro do ambiente escolar. Essa forma de discriminação, disfarçada de "piada", "brincadeira" ou "chacota", utiliza a ofensa racial como pretexto para o riso, perpetuando o preconceito de maneira sutil, mas profundamente danosa. Pois a escola é um espaço educativo e formativo que precisa intervir de forma educacional frente ao combate ao racismo estrutural e suas manifestações individuais de racismos no cotidiano escolar. Sabendo que o preconceito racial está profundamente enraizado nas fundações de uma sociedade, manifestando-se nos âmbitos institucional, histórico e cultural.

O racismo não é apenas um conjunto de atos isolados de preconceito. É uma estrutura social profunda, entranhada nas instituições, na cultura e nas relações cotidianas. Para combatê-lo de forma eficaz, é crucial ir além da dor da experiência individual e desenvolver o senso crítico, munido da poderosa ferramenta da "Imaginação Sociológica" de C. Wright Mills. Esta capacidade nos permite ligar as "questões pessoais" como o insulto, a exclusão, a desconfiança ou a violência sofrida individualmente devido à cor da pele, às "questões públicas" e históricas da sociedade. A interseccionalidade, conceito que permite entender as diferentes formas de opressão, sejam elas de raça, gênero, orientação sexual, classe sendo uma potente ferramenta que transforma a "dor" individual em consciência política.

Neste contexto, destaca-se o projeto de intervenção pedagógica intitulado "Cosplay Crítico: Imaginação Sociológica e Interseccionalidades de Gênero, Raça e Classe Social". Voltado para estudantes dos 2º anos do Ensino Médio Técnico (em Alimentos, Biocombustíveis e Informática), o projeto constituiu-se em um percurso formativo inovador de 12 encontros. A iniciativa articulou a teoria sociológica, a partir de autores clássicos (Marx, Weber, Durkheim) e contemporâneos (Crenshaw, Bell Hooks, Djamila Ribeiro). Tudo isso através da



prática artística performática, culminando na criação e apresentação de "cosplays sociológicos".

Este trabalho propõe relatar e analisar a experiência de intervenção pedagógica intitulada “Desfile de Cosplay Crítico” desenvolvida com os estudantes do 2º ano do Ensino Médio, na componente curricular de Sociologia II, nos cursos Técnicos no IFBA - Campus Porto Seguro. Para cumprir este objetivo, foi estruturada a descrição metodológica do processo, as bases do referencial teórico e o apontamento dos resultados atingidos nesse processo de ensino e aprendizagem.

METODOLOGIA

Para o **relato de experiência** desse projeto foram utilizadas metodologias ativas, que segundo Moran (2015) é colocar o estudante como protagonista dos processos de aprendizagens, incentivando o processo ativo de descoberta, investigação e resolução de problemas por meio dos estudantes, visando sempre uma troca entre os estudantes e o professor, valorizando seus saberes prévios e buscando edificar seus conhecimentos e estimulá-los a refletir e buscar maiores conhecimentos sobre o assunto.

Essa experiência projeto de intervenção pedagógica intitulado **"Cosplay Crítico: Imaginação Sociológica e Interseccionalidades de Gênero, Raça e Classe Social"** foi desenvolvida no IFBA Instituto Federal da Bahia, Campus Porto Seguro, especificamente na Componente Curricular de Sociologia II para os segundos anos do Ensino Profissional integrado ao Ensino Médio dos Cursos de Alimentos, Biocombustíveis e Informática acompanhados pelo núcleo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais (LICHES) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Constituiu-se em um percurso formativo inovador de 12 encontros. A iniciativa articulou a teoria sociológica, a partir de autores clássicos (Marx, Weber, Durkheim) e contemporâneos (Crenshaw, Bell Hooks, Djamila Ribeiro). Tudo isso através da prática artística performática, culminando na criação e apresentação de "cosplays sociológicos".

A comunidade estudantil do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Campus Porto Seguro, é um espaço de diversidade e aprendizado, fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Porém como toda escola no Brasil, reflete a problemática do racismo reproduzido entre os estudantes e pela comunidade escolar. Baseados em fatos referentes a “Racismo Recreativo”



arrolado em processos disciplinares no Campus, fomos provocados em articular ações pedagógicas para combater e orientar educacionalmente a comunidade estudantil.

Os registros dos dados dessa experiência pedagógica foram coletados através dos instrumentos educacionais utilizados no percurso proposto, descritos abaixo. Registrados em meio eletrônico através de uma página Mural da plataforma PADLET, sob o nome Sociologia II - Ensino Profissional - IFBA Porto Seguro. Todos os instrumentos estão organizados em Seções de acordo com o percurso formativo.

As análises dos dados foram desenvolvidas a partir da proposta de cada instrumento e com os critérios previamente estabelecidos na orientação da confecção da atividade, corrigido e devolvido ao estudante para sua verificação. Todo esse processo foi feito prioritariamente, presencialmente e com registros preferencialmente manuais em sala de aula e posteriormente publicados na plataforma supracitada para socialização, registro e arquivo e publicização do processo de ensino-aprendizagem desenvolvido. A etapa da socialização de saberes foi registrada em foto e vídeo, publicizada pelas redes sociais do Campus.

Os dados registrados e aqui comunicados neste relato tiveram como metodologia a análise de conteúdo e análise de discurso, com formato de abordagem qualitativa da forma como discute Minayo (2014).

Essa metodologia foi dividida em 5 partes, sendo elas; Diagnósticos de saberes, Problemática, Leituras, Síntese dos saberes e Socialização das aprendizagens, baseadas na orientação freiriana (Freire, 1996.) como percurso formativo.

1. Diagnósticos de saberes: Tem por objetivo buscar compreender quais são os conhecimentos prévios dos estudantes a respeito dos temas trabalhados dentro de sala de aula e a partir deste entendimento, saber quais são os pontos a quais devem ser trabalhados e aprimorados.

Iniciamos nossa unidade com uma atividade diagnóstica, a mesma foi realizada em forma de uma roda de conversa junto aos estudantes e uma série de perguntas sobre os assuntos que veríamos a tratar durante a unidade com eles, dentro delas, quais eram seus entendimentos sobre interseccionalidade, se eles se deparam ou com situações onde são expostos a violências em decorrência de seus marcadores sociais, onde identificam esses problemas e entre outras.

2. Problemática: Após este diagnóstico, podemos entender quais os conhecimentos prévios e quais são os limites desses saberes. Com isso podemos tencionar com os estudantes a necessidade de produzir mais conhecimentos sobre o tema/problema.



Nesta etapa fizemos uma exposição do documentário “O riso dos outros” com o objetivo de tensionar a relação com a turma a prática do racismo recreativo, anteriormente presente dentro da comunidade escolar do IFBA. Em sequência demos início a algumas atividades em sala para que eles exercitem seu senso crítico sobre as piadas de “mau gosto” que permeiam a nossa sociedade escolar.

3. Leituras: É essencial para os estudantes reforçarem seus conhecimentos através das leituras propostas pelo professor. As leituras, dentro da unidade, foram feitas de múltiplas formas, com o objetivo de tentar cativar os adolescentes ao diálogo com os conteúdos teóricos sobre o tema. Essas leituras foram feitas através de textos, músicas e documentários.

Iniciamos as nossas leituras com o Manual Antirracista, da Djamila Ribeiro como paradidático, com a intenção de promover a conscientização sobre racismo estrutural. Para além disso também, alguns trechos do livro Interseccionalidade da Crenshaw, para ir além de pensar o racismo de forma singular e relacioná-lo também aos preconceitos de raça, gênero, sexualidade e classe social.

4. Síntese dos saberes: Depois de feitas as leituras, trabalhamos com uma síntese dos conhecimentos construídos, visando transformar o conhecimento teórico acessado e construído em consciência crítica e práticas que possam ser utilizadas em suas vivências enquanto cidadãos.

As sínteses de leituras foram feitas através de avaliações realizadas dentro da sala de aula com os estudantes, solicitamos para a primeira atividade, que fizessem um texto dissertativo sobre a maneira a qual a interseccionalidade os permeia dentro de seus convívios sociais. Para a segunda avaliação, propomos a realização de uma pesquisa usando a ferramenta de imaginação sociológica sobre problemas diários que eles enfrentam.

5. Socialização das aprendizagens: Após as leituras e as atividades desenvolvidas através dela, os estudantes realizaram oficinas de roteiro e criação de performances. O foco foi a construção dos "cosplays sociológicos", que são releituras críticas de histórias e acontecimentos locais, casos de violências sobre um determinado grupo sobre seu marcador social, para evidenciar e denunciar marcadores sociais e desigualdades estruturais.

As oficinas foram organizadas em três encontros destinados à produção do argumento: qual história eles haviam escolhido e quais eram os motivos de sua escolha. Em sequência a produção do roteiro das apresentações, a qual os estudantes foram instruídos sobre



posicionamento de palco, performance durante a apresentação, sincronia com o tempo da música e organização da coreografia.

Por último, realizamos a oficina de confecção dos cosplays, acompanhando os estudantes na criação das roupas, figurinos, cartazes a serem utilizados e alguns objetos adicionais que viram a ser utilizados durante as apresentações.

Feito todos os outros passos, agora era a hora de fazer uma exposição para o conjunto da comunidade ao nosso redor e levar estes aprendizados adiante.

A culminância foi o "Desfile de Denúncia" realizado no auditório da escola, onde os estudantes apresentaram suas performances. O desfile funcionou como um ato político-artístico, utilizando roupas, cartazes e a expressão corporal para denunciar o racismo e afirmar a identidade.

O processo avaliativo foi de caráter contínuo, processual e participativo, alinhado aos princípios da pedagogia crítica. Foram utilizados como critérios: a análise dos roteiros, a criatividade e a criticidade das performances (capacidade de articular teoria sociológica à denúncia) e instrumentos como autoavaliação e avaliação por pares (360°).

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de *imaginação sociológica*, formulado por C. Wright Mills em 1959, propõe a articulação entre experiências pessoais e estruturas sociais mais amplas. Essa abordagem é fundamental para o ensino da Sociologia, pois permite aos estudantes compreenderem como suas vivências individuais estão inseridas em contextos históricos e sociais. Complementando essa perspectiva, Peter L. Berger, em *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística* (1986), destaca que a Sociologia revela a complexidade oculta da realidade social. Ao afirmar que "a primeira sabedoria da sociologia é esta – as coisas não são o que parecem" (Berger, 1986, p. 15), o autor nos convida a ultrapassar as aparências e questionar as interpretações superficiais do cotidiano.

O racismo não é apenas um conjunto de atos isolados de preconceito. É uma estrutura social profunda, entranhada nas instituições, na cultura e nas relações cotidianas. Para combatê-lo de forma eficaz, é crucial ir além da dor da experiência individual e desenvolver o senso crítico, munido da poderosa ferramenta da "Imaginação Sociológica" de C. Wright Mills. Esta capacidade nos permite ligar as "questões pessoais" como o insulto, a exclusão, a desconfiança ou a violência sofrida individualmente devido à cor da pele, às "questões públicas" e históricas da sociedade.



Ao aplicar essa lente, o estudante negro, a vítima de racismo, percebe que sua experiência não é um mero infortúnio isolado, mas sim um sintoma da persistência de um sistema estrutural. Com a Imaginação Sociológica, a dor pessoal se transforma em consciência política. Situa-se a injúria racial na longa história da escravidão, na naturalização das desigualdades e na manutenção dos privilégios.

Desta forma é que interseccionalidade (Crenshaw, 2002), vem ganhando cada vez mais notoriedade dentre as discussões de diversidade e inclusão, pois, é um conceito que permite entender as diferentes formas de opressão, sejam elas de raça, gênero, orientação sexual, classe e muitas outras características que se relacionam e se sobrepõem. Para aprofundarmos a compreensão da persistência do racismo nas instâncias educacionais, é fundamental remeter ao conceito de racismo estrutural. Este termo descreve como o preconceito racial está profundamente enraizado nas fundações de uma sociedade, manifestando-se nos âmbitos institucional, histórico e cultural. (Ribeiro, 2019)

É crucial entender que o racismo estrutural transcende os atos de discriminação individuais; ele se configura como um sistema complexo que opera de forma contínua e sistemática, gerando e mantendo a desigualdade, assim desfavorecendo ou marginalizando estudantes de grupos étnico-raciais minorizados, como negros e indígenas. E quanto ao racismo recreativo, embora muitas vezes desqualificado como mera “brincadeira de mau gosto”, é na verdade, uma manifestação perigosa do racismo estrutural. Ele normaliza a discriminação, cria um ambiente hostil para estudantes negros e de outras minorias e mina a autoestima e o desempenho acadêmico das vítimas. (Hooks, 2019)

É importante salientar que, para a vítima, a agressão nunca é "recreativa". A dor da ofensa racial, mesmo quando dita em tom de humor, é real e contribui para um ciclo de sofrimento e exclusão. A escola deve ser um refúgio seguro e acolhedor, e não um palco para a perpetuação de violências e também espaço de oportunidades iguais para todos.

Pierre Bourdieu entretanto, em *Os Usos Sociais da Ciência* (2004), analisa o campo científico como um espaço de disputas simbólicas, atravessado por interesses e relações de poder. Ao afirmar que “todo campo é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar o campo de forças” (Bourdieu, 2004, p. 15), o autor nos mostra que o conhecimento científico não é neutro, mas produzido em contextos específicos, com objetivos políticos e simbólicos. Essa análise é relevante para o ensino de Sociologia, pois permite aos estudantes compreenderem como o conhecimento científico é produzido e legitimado dentro de estruturas sociais específicas, desmistificando a ideia de ciência como algo neutro e objetivo.



Dessa forma István Mészáros, em *A Educação para Além do Capital* (2005), critica a forma como a educação, sob o sistema capitalista, contribui para a reprodução das estruturas sociais existentes. Ele destaca que “a educação trata-se de uma questão de 'internalização' pelos indivíduos da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, juntamente com suas expectativas 'adequadas' e as formas de conduta 'certas', mais ou menos explicitamente estipuladas nesse terreno” (Mészáros, 2005, p. 44). Mészáros defende que uma transformação radical na educação é necessária para romper com a lógica do capital e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Por outro lado, Meksenas (1994), enfatiza a importância de ensinar Sociologia no Ensino Médio como forma de desenvolver a consciência crítica dos estudantes. Ele argumenta que “o ensino de Sociologia deve possibilitar ao aluno compreender a sociedade em que vive, questionar as relações sociais estabelecidas e perceber-se como agente de transformação social” (Meksenas, 1994, p. 10). Essa abordagem é fundamental para a formação de cidadãos conscientes e participativos, capazes de analisar e intervir na realidade social.

A pedagogia crítica de Freire (1968) complementa e aprofunda essas perspectivas, oferecendo uma base sólida para a formação de sujeitos críticos e engajados. Em Freire (1979), afirma que “quem não ama não compreende o próximo, não o respeita”, destacando a importância do amor e do respeito mútuo no processo educativo. Também critica as sociedades fechadas que mantêm o status quo por meio de sistemas educacionais conservadores: “A sociedade fechada se caracteriza pela conservação do status ou privilégio e por desenvolver todo um sistema educacional para manter este status” (Freire, 1979, p. 34).

Freire (1987), defende uma educação que promova a participação crítica dos indivíduos na sociedade, permitindo que se tornem sujeitos ativos na transformação de sua realidade. Ele argumenta que a democratização da cultura não deve ser confundida com sua vulgarização, mas sim com a participação crítica do povo: “A participação em termos críticos, somente como poderia ser possível a sua transformação em povo, capaz de optar e decidir” (Freire, 1987, p. 110).

Na obra *Pedagogia da Autonomia* (1996), Freire enfatiza a importância da ética, do respeito à autonomia do educando e da prática docente crítica. Ele afirma que “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” e que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996, p. 21), destacando a natureza dialógica e recíproca do processo educativo. Além disso, Freire destaca que “o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo”



(Freire, 1996, p. 27), enfatizando a importância da intervenção consciente na realidade como parte do processo de aprendizagem.

Em *Pedagogia do Oprimido* (1968), Freire propõe uma pedagogia humanista e libertadora, que deve ser forjada com os oprimidos na luta pela recuperação de sua humanidade. Ele afirma que “a pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (Freire, 1987, p. 57). Além disso, destaca que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1981, p. 79), enfatizando a natureza coletiva e dialógica da educação.

Conectar o racismo recreativo à sua raiz: o racismo estrutural, relacionar essa experiência a matrizes teóricas da sociologia e da educação, discutir como a sociedade está organizada de forma a privilegiar um grupo e oprimir outros, e como as “piadas” são um mecanismo de manutenção desse status quo. Abrir espaço para que os estudantes compreendam como seus marcadores sociais (cor, etnia, gênero, orientação sexual, classe, etc.) os tornam alvos de agressões, e a importância da empatia e do respeito mútuo. Estimular estudantes a intervir de forma segura e responsável quando presenciarem atos de racismo, e a denunciar os casos à coordenação e direção são elementos fundamentais de uma prática educativa cidadã e responsável.

Integrar essas perspectivas teóricas ao ensino de Sociologia no Ensino Médio, especialmente em contextos de educação profissional como o do IFBA em Porto Seguro, é fundamental para promover uma formação crítica e emancipadora. Ao articular a imaginação sociológica com a pedagogia crítica de Freire, é possível desenvolver práticas educativas que capacitem os estudantes a compreenderem e transformarem sua realidade social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1: Fotos da apresentação do Desfile de Cosplay crítico 2025



Fonte: Organização do evento

Através deste projeto foi possível alcançar resultados qualitativos tais como:

Eficácia da Articulação Teoria-Prática: A iniciativa validou a escolha metodológica de utilizar autores clássicos (Marx, Weber, Durkheim) (Oliveira, 2013) e contemporâneos (Crenshaw, Bell Hooks, Djamila Ribeiro) em diálogo com a criação de "cosplays sociológicos" e o "Desfile de Denúncia". Essa abordagem permitiu aos estudantes internalizar a "Imaginação Sociológica" de C. Wright Mills, ligando suas "questões pessoais" (a dor da ofensa racial e do racismo recreativo) às "questões públicas" (o racismo estrutural e a interseccionalidade das opressões). A dor pessoal foi, assim, transformada em consciência política e motor para a ação.

Combate Efetivo ao Racismo Recreativo: O projeto cumpriu seu objetivo principal ao criar um espaço de diálogo franco e conscientização sobre a gravidade do racismo recreativo,



desmistificando-o como "brincadeira". Através da exposição do documentário e das rodas de conversa, demonstrou-se como essa prática é uma manifestação perigosa do racismo estrutural, minando o bem-estar e o desempenho acadêmico dos estudantes minorizados.

Empoderamento e Protagonismo Estudantil: A metodologia ativa, pautada nos princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire (dialógica, problematizadora e libertadora), garantiu o protagonismo dos alunos. O "Desfile de Denúncia" não foi apenas a culminância avaliativa, mas um ato político-artístico de visibilidade e resistência, onde os corpos, as vestimentas e as performances dos estudantes se tornaram "telas vivas" de denúncia, reafirmando suas identidades e desmantelando a narrativa de vitimização. O processo avaliativo contínuo e participativo (360º) ratificou a capacidade dos estudantes de articular a teoria sociológica à crítica social.

Relevância da Interseccionalidade: A abordagem interseccional, a partir da obra de Crenshaw (2002), foi fundamental para que os estudantes compreendessem que suas experiências de opressão

não são singulares, mas sim resultados da sobreposição de marcadores sociais (raça, classe, gênero, sexualidade), oferecendo uma lente mais complexa e real para a análise das desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de intervenção pedagógica "Cosplay Crítico: Imaginação Sociológica e Interseccionalidades de Gênero, Raça e Classe Social" demonstrou, de forma contundente, a potência da articulação entre teoria sociológica e prática artística performática no combate a violências estruturais, como o racismo recreativo, no ambiente escolar. A experiência, desenvolvida no Ensino de sociologia e acompanhada pelos estudantes vinculados ao PIBID/LICHs-UFSB junto aos estudantes do IFBA, Campus Porto Seguro, transcende a mera transmissão de conteúdo, transformando-se em um percurso formativo de conscientização, empoderamento e ação.

A experiência exitosa do "Cosplay Crítico" sugere a necessidade de institucionalização e expansão de projetos com essa natureza dentro das unidades de ensino. O combate ao racismo e a outras formas de discriminação não pode ser um evento isolado, mas uma ação pedagógica contínua e transversal.

Recomenda-se que a escola, portanto, incorpore metodologias ativas e performáticas no ensino das Ciências Humanas e Sociais, reconhecendo a arte como poderosa ferramenta de desnaturalização do preconceito. Promova a formação continuada do corpo docente e técnico-



administrativo para o reconhecimento e enfrentamento das manifestações sutis e explícitas do racismo estrutural e recreativo. Estabeleça canais e protocolos de denúncia e acolhimento mais eficazes, garantindo que o ambiente escolar seja, de fato, um "refúgio seguro e acolhedor" e um "espaço de oportunidades iguais para todos"

Em suma, o trabalho realizado demonstra que a educação, quando munida da imaginação sociológica e do amor freireano (respeito e reconhecimento do outro), é a ferramenta de transformação social mais potente. Os estudantes do IFBA, ao transformarem o aprendizado em denúncia pública, comprovaram que o racismo é estrutural, mas a nossa denúncia e o nosso protagonismo são a força da mudança.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sujeito Editora, 2019.
- BERGER, Peter L. **Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência: Por uma Sociologia Clínica do Campo Científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CHILDISH GAMBINO. This Is America. In: **This Is America**, 2018. 1 faixa, 3 min 45 s.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- HOOKS, Bell. **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MEKSENAS, Paulo. **Sociologia**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- MÉSZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.
- O RISO DOS OUTROS. Direção: Eliane Caffé. Produção: Brasil: Lixa Filmes, 2012.
- OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. **Sociologia para jovens do século XXI**, Rio de Janeiro : Imperial Novo Milênio, 2013. (Livro Didático)
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

